Impactos da guerra no Golfo sobre a Ucrânia, a Europa e a agenda global

Impacts of the Gulf War on Ukraine, Europe, and the Global Agenda.

Impactos de la guerra en el Golfo sobre Ucrania, Europa y la agenda global

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo. Freire analisa como a guerra envolvendo EUA, Israel e Irã afeta diretamente o conflito na Ucrânia. O presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, teme a redução do apoio internacional, já que a suspensão de sanções fortalece economicamente a Rússia e os EUA passam a priorizar o Oriente Médio, inclusive limitando o fornecimento de armamentos essenciais à Ucrânia. A Europa, sua atual principal financiadora, enfrenta dificuldades devido à crise energética agravada pela alta dos preços do petróleo e gás. O conflito no Golfo intensifica riscos globais, especialmente no fornecimento de energia, pressionando a União Europeia entre manter metas climáticas ou recorrer a fontes fósseis como o carvão. Paralelamente, há tensões políticas, mudanças no cenário europeu (como eleições na Hungria e reaproximação do Reino Unido com a UE) e posicionamentos divergentes sobre o conflito. Na área da saúde, destacam-se um caso isolado de gripe aviária na Europa (com baixo risco), iniciativas para melhorar respostas a emergências sanitárias, com a publicação de um guia pelo ECDC e o teste de um aplicativo de vigilância epidemiológica na África. O texto também aborda desigualdades no acesso à saúde digital e a continuidade da crise humanitária em Gaza, com esforços logísticos internacionais para envio de ajuda.

Palavras-chave: União Europeia; guerra na Ucrânia; guerra no Golfo; crise energética; eleições na Hungria.

***Resumen**. Freire analiza cómo la guerra que involucra a Estados Unidos, Israel e Irán afecta directamente al conflicto en Ucrania. El presidente ucraniano, Volodímir Zelensky, teme una reducción del apoyo internacional, ya que la suspensión de sanciones fortalece económicamente a Rusia y Estados Unidos pasa a priorizar Oriente Medio, incluso limitando el suministro de armamento esencial a Ucrania. Europa, su actual principal financiadora, enfrenta dificultades debido a la crisis energética agravada por el aumento de los precios del petróleo y el gas. El conflicto en el Golfo intensifica los riesgos globales, especialmente en el suministro de energía, presionando a la Unión Europea entre mantener sus metas climáticas o recurrir a fuentes fósiles como el carbón. Paralelamente, existen tensiones políticas, cambios en el escenario europeo (como las elecciones en Hungría y el acercamiento del Reino Unido a la UE) y posturas divergentes sobre el conflicto. En el ámbito de la salud, destacan un caso aislado de gripe aviar en Europa (con bajo riesgo), iniciativas para mejorar la respuesta a emergencias sanitarias, como la publicación de una guía por parte del ECDC y la prueba de una aplicación de vigilancia epidemiológica en África. El texto también aborda las desigualdades en el acceso a la salud digital y la continuidad de la crisis humanitaria en Gaza, junto con esfuerzos logísticos internacionales para el envío de ayuda.*

***Palabras clave**: Unión Europea; guerra en Ucrania; guerra del Golfo; crisis energética; elecciones en Hungría.*

Abstract: *Freire analyzes how the war involving the United States, Israel, and Iran directly affects the conflict in Ukraine. Ukrainian President Volodymyr Zelensky fears a reduction in international support, as the suspension of sanctions strengthens Russia economically and the U.S. shifts its priority to the Middle East, including limiting the supply of essential weapons to Ukraine. Europe, now its main financial backer, faces difficulties due to the energy crisis worsened by rising oil and gas prices. The conflict in the Gulf intensifies global risks, particularly in energy supply, putting pressure on the European Union to choose between maintaining climate goals or resorting to fossil fuels such as coal. At the same time, there are political tensions, changes in the European landscape (such as elections in Hungary and the United Kingdom's rapprochement with the EU), and differing positions regarding the conflict. In the health sector, key highlights include an isolated case of avian influenza in Europe (with low risk), initiatives to improve responses to public health emergencies—such as the publication of a guide by the ECDC—and the testing of an epidemiological surveillance mobile application in Africa. The text also addresses inequalities in access to digital health and the ongoing humanitarian crisis in Gaza, along with international logistical efforts to deliver aid.*

Keywords: *European Union; war in Ukraine; Gulf War; energy crisis; elections in Hungary.*

O presidente da Ucrânia, Volodomir Zelensky, está preocupado com os impactos da guerra dos EUA e Israel contra o Irã, pois o prolongamento desta guerra afeta diretamente a guerra da Ucrânia em ao menos dois sentidos. Primeiro, porque está enriquecendo a Rússia: a suspensão, por parte dos EUA, das sanções ao petróleo e gás russos permitem que o país se capitalize, vendendo a preços elevados. A estratégia de Zelensky se concentrava em enfraquecer a Rússia economicamente, mas a suspensão das sanções contra a Rússia, aporta importante reservas financeiras ao país. A guerra no Golfo também ameaça o fornecimento dos EUA à Ucrânia de sistemas essenciais de defesa aérea, em especial, de mísseis Patriot à Ucrânia, tido como essenciais para a defesa de bombardeios russos. "Temos de reconhecer que não somos a prioridade atual", afirmou Zelensky. "É por isso que receio que uma guerra longa (contra o Irão) nos dê menos apoio". As últimas conversações entre Rússia e Ucrânia mediadas pelos EUA, terminaram em fevereiro sem qualquer sinal de avanço.

Depois que os EUA deixaram de apoiar financeiramente a guerra, ficou a cargo dos países europeus o financiamento da Ucrânia. Zelensky depende dos parceiros europeus para ajudar na compra de sistemas de defesa, mísseis Patriot e demais suprimentos. No entanto, o desabastecimento mundial de petróleo e gás está impactando dramaticamente a já instalada crise energética na Europa, drenando recursos que poderiam ser destinados a apoiar a Ucrânia. Além da limitada capacidade orçamentária europeia, os ucranianos se veem obrigados a lidar com a escassez de oferta e limitada capacidade de produção dos EUA, que agora têm outra guerra como prioridade. Mudou o patrocinador da defesa da Ucrânia, mas o fornecedor segue sendo o mesmo, ou seja, a Europa segue dependente dos agora desabastecidos estadunidenses para se defender de qualquer ataque externo.

É inegável que nesses 4 anos de guerra a Ucrânia acumulou grande experiência em defesa e resistência. A Ucrânia desenvolveu soluções eficazes e de baixo custo, incluindo drones interceptadores. Zelensky agora, pretende utilizar esta expertise para manter apoio internacional, oferecendo a experiência ucraniana no combate a drones iranianos (como os Shahed) aos EUA e aliados. Ele também sugeriu parcerias com países do Golfo, oferecendo

tecnologia militar em troca de apoio, como mísseis antibalísticos. Além disso, posiciona a Ucrânia como parceira na proteção de rotas comerciais globais.

A guerra no Golfo segue dominando a agenda internacional com seus desdobramentos e ameaças concretas à humanidade. O estreito de Ormuz, que estava a ser controlado pelo Irã, agora está controlado pelos EUA, que ameaçam qualquer navio que atravessar o estreito mediante pagamento e autorização, por parte do Irã. A Europa encontra-se em situação de grande vulnerabilidade por ser altamente dependente de energia importada. As reservas e armazenamento de petróleo como amortecedores de crises são detidas e administradas pelos governos nacionais, cabendo à Comissão Europeia coordenar as respostas durante as crises para tentar garantir uma abordagem unificada. Estima-se que tais reservas cubram cerca de 90 dias de importações líquidas, ou cerca de 61 dias de consumo. Os analistas do setor da energia estimam que as reservas de petróleo liberadas recentemente pela Agência Internacional de Energia (AIE), que já estão sendo utilizadas, podem durar cerca de 5 meses. Num cenário de guerra prolongada com o Irã, estima-se que a lacuna alcance 13 milhões de barris de petróleo por dia no 6º mês. A necessidade de utilização das reservas é inconteste, mas estuda-se a possibilidade de importar petróleo para manter a reserva de segurança.

Desde o começo da guerra no Golfo, os preços do gás na UE subiram cerca de 70%, enquanto os preços do petróleo aumentaram aproximadamente 60%. Este cenário traz importantes desafios às metas de transição energética traçadas pela União Europeia. Se por um lado, o desabastecimento pode acelerar projetos alternativos de geração de energia, por outro, gera uma necessidade imediata de garantia de energia a preços acessíveis para as famílias e as indústrias em todo o bloco. O plano da UE para reduzir as emissões de dióxido de carbono e alcançar a neutralidade climática até 2050 enfrenta uma pressão crescente, à medida que os países lutam contra o aumento dos custos da energia e a inflação. Apesar das estruturas da União Europeia seguirem firmes na defesa da transição ecológica, alguns Estados-membros que já cogitavam voltar a utilizar carvão, agora estão considerando com mais seriedade a possibilidade, numa tentativa de aliviar o fardo sobre os consumidores. A ministra da Energia da Alemanha, Katherina Reiche, defendeu que a UE deveria considerar flexibilizar a sua legislação climática, sugerindo também um regresso temporário ao carvão para compensar a escassez de gás natural e ajudar a reduzir as contas de eletricidade. Já o governo italiano anunciou que vai adiar a eliminação gradual do carvão para 2038, descrevendo a iniciativa como uma "medida de salvaguarda" contra possíveis escassezes de gás ou picos de preços.

No entanto, mesmo que a crise tenha passado de uma questão de preços para uma de potencial escassez de abastecimento, o comissário europeu para a Energia, Dan Jørgensen, continuou a defender a transição ecológica após uma reunião de emergência dos ministros da Energia da UE, realizada em 31 de março. Em conferência de imprensa, afirmou que a energia limpa produzida internamente, a eletrificação, as interligações modernizadas e a melhoria da eficiência energética "são o único caminho a seguir". Embora os países da UE sejam autônomos para definir suas políticas energéticas, estão vinculados a regras comuns para alcançar a neutralidade climática até 2050, o que exige constante redução das emissões de gases com efeito de estufa. Neste sentido, qualquer medida para reduzir o investimento em energia limpa ou na eletrificação — ou para recorrer aos combustíveis fósseis — corre o risco de entrar em conflito com os objetivos climáticos de longo prazo da UE. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, reafirma esta visão, ao dizer que a crise no Oriente Médio deixou claro que “a única saída duradoura da dependência dos combustíveis fósseis é

modernizar” por meio da transição para energia verde e “eletrificar a economia o mais rapidamente possível.”

Ainda sobre a guerra no Golfo, cabe registrar o silêncio ensurdecedor dos líderes europeus após a escandalosa ameaça de Trump de que "uma civilização inteira vai morrer esta noite, para nunca mais voltar", referindo-se a um possível ataque ao Irã, que felizmente não aconteceu. Apesar do silencio, a Espanha segue sendo a voz dissonante e corajosa da Europa que condena os ataques ao Irã, apelando ao bloco que suspenda o acordo comercial com Israel, defendendo a inclusão do Líbano no cessar-fogo e pedindo que a UE rompa com Israel. Recentemente, a Turquia se somou ao time dos explicitamente críticos, declarando apoio ao Irã e criticando EUA e Israel. A posição foi justificada pela vizinhança e identidade muçulmana. O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, declarou que sua prioridade é evitar envolvimento direto na guerra entre Irã, Israel e Estados Unidos. Contudo, "se a guerra se prolongar, nosso dever é atacar Israel." afirmou o presidente turco.

Os grandes destaques da Europa, no entanto, são as eleições na Hungria e a reaproximação do Reino Unido à União Europeia, 10 anos após sua saída do bloco (Brexit). A Hungria se despede de 16 anos da gestão de extrema-direita de Viktor Orbán. A vitória de Péter Magyar traz alívio imediato (e talvez momentâneo) à UE, que tinha muitas pautas vetadas por Orbán. A presidente da Comissão Europeia, Úrsula Von der Leyen anunciou que os contatos começarão tão logo Magyar assuma formalmente o cargo, cuja previsão é meados de maio. Ambos pertencem à mesma família política, o Partido Popular Europeu (PPE), de centro-direita. Em seu discurso de vitória, Magyar prometeu trazer a Hungria de volta à corrente europeia e quebrar a influência da Rússia sobre o país. No entanto, em sua primeira conferência de imprensa como primeiro-ministro da Hungria, Magyar disse que o país vai continuar a comprar energia russa e dará prioridade ao petróleo mais barato disponível. A Hungria, um país sem litoral e com poucas alternativas, é um dos países da UE mais dependentes da energia russa, constituindo cerca de 90% do seu abastecimento.

Após 10 anos do Brexit, o Reino Unido se aproxima da União Europeia. Em discurso, o primeiro-ministro Keir Starmer, manifesta o desejo do seu governo de se aproximar do bloco. A reaproximação já vem acontecendo aos poucos. O governo trabalhista, que chegou ao poder em 2024, prometeu "redefinir" a relação do Reino Unido com a Europa e já tomou algumas medidas concretas para tal, como o retorno ao programa de intercâmbio Erasmus+. As 2 partes também lançaram uma Parceria de Segurança e Defesa e trabalham em acordos sobre normas sanitárias e fitossanitárias, reconhecimento mútuo de qualificações profissionais, entre outras medidas. Está prevista uma cimeira entre Reino Unido e UE no verão europeu, para a qual Starmer promete não se limitar a ratificar os compromissos assumidos na cimeira anterior, mas estreitar cooperações nas áreas de segurança, economia e uma parceria que reconheça valores, interesses e futuro comum.

Adentrando no campo da saúde, a UE registrou seu primeiro caso de de infecção por influenza aviária A(H9N2), em um viajante que retornou de país não europeu onde o vírus já havia sido identificado em aves. O paciente está em isolamento hospitalar na região da Lombardia, na Itáilia, recebendo tratamento médico. Autoridades de saúde pública italianas realizaram o rastreamento de contatos como medida de precaução para identificar e controlar uma possível transmissão subsequente e iniciaram diversas investigações epidemiológicas e microbiológicas. Segundo o ECDC, desde 1998, e até 27 de fevereiro de 2026, 195 casos humanos de A(H9N2) foram relatados em todo o mundo por 10 países da Ásia e da África. Apenas duas infecções foram fatais. Nenhum surto de infecções humanas por influenza

A(H9N2), nem casos documentados de transmissão de pessoa para pessoa, jamais foram relatados. O contato direto com aves infectadas ou ambientes contaminados tem sido a fonte mais provável de infecção humana por vírus da gripe aviária. Casos esporádicos de gripe aviária em humanos não são inesperados em áreas onde o vírus circula em aves. O ECDC avalia atualmente o risco para a população em geral relacionado a este evento como muito baixo e informa que está em contato com as autoridades na Itália e monitorando a situação de perto, reavaliando o risco à medida que mais informações se tornarem disponíveis.

Um novo guia prático publicado pelo ECDC, promete ajudar a Europa a transformar lições aprendidas com emergências de saúde pública em preparação e resposta reforçadas, oferecendo instruções detalhadas para o planejamento e a condução de revisões durante e após a ação. O "Guia para o planejamento e a condução de revisões durante e após a ação" fornece às organizações e instituições responsáveis pela resposta a emergências de saúde pública instruções práticas e passo a passo para examinar a resposta a emergências de saúde pública em andamento ou passadas e traduzir as lições aprendidas em melhorias concretas. Segundo o ECDC, embora cada resposta a uma emergência de saúde pública seja inovadora de alguma forma, todas oferecem insights práticos sobre o que funcionou, o que não funcionou e como a preparação e a resposta podem ser fortalecidas para eventos futuros. As revisões de ação fornecem uma maneira estruturada de capturar e agir com base nessas lições aprendidas durante e após uma emergência de saúde pública. O guia apresenta uma abordagem em 3 etapas para a realização de uma revisão de ação. No centro dessa abordagem está um workshop de revisão de ação que reúne as partes interessadas relevantes para mapear os eventos e ações de uma emergência de saúde pública em andamento ou passada, a fim de identificar exemplos de boas práticas, pontos problemáticos e soluções potenciais. As conclusões e as ações corretivas propostas são compiladas em um relatório final. Este relatório é utilizado para desenvolver um plano de ação que deve ser implementado para melhorar as atividades de resposta.

O ECDC, em parceria com o CDC/Africa e o Programa de Sistemas de Informação em Saúde da África do Sul (HISP SA), está testando um aplicativo móvel para vigilância baseada em eventos, com o objetivo de permitir a coleta e avaliação rápidas de informações sobre eventos que possam indicar uma ameaça à saúde pública. Após uma fase inicial de desenvolvimento, os Centros estão conduzindo um projeto piloto para aprimorar e testar o aplicativo em Zâmbia, em colaboração com o Instituto Nacional de Saúde Pública da Zâmbia e o HISP SA, parceiro técnico responsável pelo desenvolvimento do aplicativo. O aplicativo será implementado em vários países africanos, apoiando voluntários de saúde que trabalham em colaboração com as comunidades locais. Ele foi projetado para simplificar e melhorar a forma como profissionais de saúde da linha de frente capturam e compartilham sinais sobre possíveis ameaças à saúde pública nas comunidades que atendem, permitindo o registro e o acompanhamento em tempo real. O projeto piloto se concentrará em testar as principais funcionalidades do aplicativo, incluindo a coleta e o envio de informações em campo. Isso envolve coletar dados sobre possíveis ameaças à saúde pública relatadas por membros da comunidade e encaminhar esses sinais para agentes de vigilância em nível distrital, que avaliam se é necessária uma verificação adicional e uma análise de risco. O piloto também testará os fluxos de trabalho que apoiam a verificação dos sinais e a tomada de decisão sobre a necessidade de iniciar uma avaliação de risco. De modo geral, espera-se que o projeto piloto contribua para treinar especialistas em vigilância no uso do aplicativo, melhorar os fluxos de notificação e coletar *feedback* dos usuários para aprimorar a ferramenta. Em conjunto, as atividades realizadas nesta fase irão fortalecer as capacidades de detecção precoce e resposta, além de fornecer lições importantes para a futura

implementação em Zâmbia e em outros países parceiros. O próximo passo será o lançamento de uma fase piloto mais abrangente em Zâmbia, durante a qual profissionais de saúde comunitária serão treinados para usar o aplicativo como parte de suas atividades rotineiras de vigilância.

No tocante à saúde digital, uma recente revisão de escopo conduzida pela OMS/Europa e pela Public Health Wales (Reino Unido) constatou que pessoas com maiores necessidades de saúde e barreiras linguísticas ainda enfrentam dificuldades para utilizar serviços e tecnologias de saúde digital, principalmente devido ao acesso limitado, ao baixo letramento digital e ao fato de os serviços serem pouco adaptados a necessidades diversas. A revisão também apontou que as desigualdades na infraestrutura digital entre regiões podem gerar um acesso desigual à inovação. Embora a equidade seja cada vez mais mencionada nas estratégias de saúde digital, ela costuma ser tratada de forma genérica, sem padrões operacionais que orientem sua implementação ou mecanismos que permitam aos governos exercer supervisão.

Apesar das atenções globais terem sido desviadas para o Golfo Pérsico, a crise humanitária em Gaza ainda persiste, com severas consequências ao povo palestino. A OMS/Europa, por meio de sua Iniciativa de Ponte Humanitária no Chipre (que ocupa a presidência rotativa da UE), facilitou a entrega de seu primeiro carregamento de suprimentos nutricionais humanitários de emergência para Gaza. A iniciativa foi implementada em estreita coordenação entre os escritórios da OMS no Chipre e nos territórios palestinos ocupados, com apoio do Governo do Chipre. Aproximadamente 106 toneladas de suprimentos nutricionais foram mobilizadas. A remessa chegou ao Porto de Ashdod, em Israel, onde será preparada para posterior distribuição a Gaza. De acordo com a Organização, este envio traz um importante marco operacional no fortalecimento da capacidade logística humanitária inter-regional da OMS para uma região afetada pelo conflito em curso, especialmente em Gaza.

Estabelecida como um esforço coordenado entre os escritórios da OMS no Chipre e nos territórios palestinos ocupados, a Iniciativa de Ponte Humanitária foi concebida para permitir a entrega oportuna, escalável e eficiente, por via marítima, de insumos essenciais de saúde às populações afetadas pela crise em Gaza, no âmbito da Resolução 2720 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O mecanismo também reforça o papel do Chipre como um ponto estratégico de apoio logístico humanitário, aproveitando sua proximidade geográfica — aproximadamente 370 quilômetros de Gaza — e sua posição no mercado único da União Europeia para facilitar a rápida mobilização e envio de suprimentos críticos. Ao complementar os corredores humanitários existentes para Gaza e diversificar as rotas de abastecimento, a iniciativa tem potencial para reduzir significativamente os prazos de entrega e mitigar gargalos operacionais que, no passado, limitaram o acesso humanitário. No futuro, a Iniciativa de Ponte Humanitária promete continuar apoiando o pré-posicionamento estratégico, a consolidação e o envio rápido de suprimentos essenciais de saúde, fortalecendo a prontidão operacional da OMS não apenas para Gaza, mas também para emergências de saúde e desastres em toda a Região do Mediterrâneo Oriental.

Considerações Finais

O cenário analisado evidencia uma crescente interdependência entre conflitos regionais e seus efeitos sistêmicos na ordem global. A guerra no Golfo não apenas redefine prioridades geopolíticas, como também redistribui recursos estratégicos, impactando diretamente o equilíbrio do conflito na Ucrânia e expondo fragilidades estruturais da Europa, sobretudo no campo energético e de defesa. Ao mesmo tempo, revela-se uma tensão persistente entre